

Práticas educomunicativas nos territórios amazônicos: experiências da Jornada Regional de Educomunicação¹

Alinne Neylane Machado Pestana²

Joshua Rodrigues Lacerda³

Evelyn Íris Leite Morales Conde⁴

Universidade Federal de Rondônia - Porto Velho/RO

RESUMO

Apresenta-se relato descritivo da Jornada Regional de Educomunicação, com participação do Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania, vinculado ao Departamento Acadêmico de Comunicação da Universidade Federal de Rondônia. As atividades da Jornada abrangem visita aos territórios de reservas extrativistas e aldeia indígena em Rondônia, com escuta ativa das comunidades, produção de conteúdo comunicativo em fotografia, arte e podcasts sonoros, com denúncias e anúncios produzidos pelas próprias comunidades participantes da Jornada. As relações, expressões e produções podem ser acessadas no perfil @rec.unir e @cptrondonia.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; juventude; arte; Rondônia; comunidades tradicionais.

INTRODUÇÃO

A Jornada Regional de Educomunicação é uma ação organizada pelo Coletivo de Jovens dos Povos e Comunidades Tradicionais de Rondônia, com apoio da Comissão Pastoral da Terra Regional Rondônia e suporte pedagógico e comunicacional do Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania (REC), vinculado ao Departamento Acadêmico de Comunicação da Universidade Federal de Rondônia (Dacom/Unir).

As atividades da Jornada foram realizadas em três etapas, abrangendo diferentes territórios no estado de Rondônia, na Amazônia Ocidental. A primeira etapa ocorreu de 10 a 12 de maio de 2024 nas Reservas Extrativistas Piquiá e Castanheira, localizadas em Machadinho D'Oeste. A segunda etapa aconteceu entre os dias 28 e 30 de junho de 2024 na Reserva Extrativista Rio Ouro Preto, em Guajará-Mirim. A terceira e última

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Teatro da Universidade Federal de Rondônia (Unir), email: alinneneylane@gmail.com

³ Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo Universidade Federal de Rondônia (Unir), email: joshuaacademico@gmail.com

⁴ Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir). Orientadora. Email: evelyn.morales@unir.br

etapa foi realizada de 24 a 26 de janeiro de 2025 na Aldeia Indígena Aperoí, do povo Puruborá, em Seringueiras.

Esses territórios compartilham um histórico de lutas e resistências, enfrentando pressões de grileiros, madeireiros e fazendeiros que promovem projetos de caráter colonialista. A ampliação das áreas cultivadas na região impacta diretamente as comunidades tradicionais, fortalecendo o agro-hidronegócio e ameaçando os modos de vida locais.

Durante o processo formativo da jornada, estabeleceram-se teias comunicativas que ecoaram as narrativas dos territórios, envolvendo povos indígenas, extrativistas, quilombolas, povos de terreiros e outras comunidades tradicionais. Com seus modos de falar, ser e se relacionar com as águas, a terra e as florestas, essas comunidades estabeleceram vínculos e comunicaram de forma horizontal, apresentando suas tradições, costumes, organizações sociais e os desafios enfrentados para a manutenção da vida e do bem viver.

A Jornada surgiu como uma oportunidade de integração de juventudes de diferentes localidades de Rondônia, unidas pelo objetivo comum de lutar pela garantia de seus espaços de vida. Nesse processo, emergiu a necessidade de ferramentas para enfrentar as agressões vivenciadas diariamente por esses sujeitos.

Entendendo que a comunicação é um direito de todos e que as práticas educacionais visam garantir esse direito, o grupo REC foi convidado a facilitar o processo coletivo de multiplicação de conhecimentos. O grupo se dedica a estudos e experimentações em comunicação sonora e outras mídias, aliada à educação e cidadania na Amazônia Sul-Occidental, especificamente em Rondônia.

Para fortalecer essa iniciativa, estabeleceram-se parcerias com outros importantes coletivos nessa Jornada: Comitê de Defesa da Vida na Bacia do Rio Madeira (COMVIDA), Coletivo Mura, Associação dos Seringueiros e Agroextrativista do Baixo Rio Ouro Preto (Asaex), Associação Maxajã e o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) unidade Guajará-Mirim.

METODOLOGIA

A formação educacional desenvolvida ao longo da jornada foi marcada por uma atuação sensível, colaborativa e enraizada nos territórios. Antes de cada encontro,

realizávamos reuniões com as lideranças locais, lideranças do Coletivo da Juventude da Rede dos Povos, com a coordenação da CPT e com o grupo REC. Esses momentos prévios foram fundamentais para estabelecer vínculos de confiança, compreender a história da comunidade — seja uma RESEX ou uma aldeia — e partilhar as premissas da nossa atuação junto à juventude.

Cada formação acontecia em três dias. A sexta-feira era dedicada à conexão com o território: conhecer o local, ouvir suas histórias, viver a realidade daquele chão com atenção e respeito. O sábado era o momento das ações práticas educomunicativas, iniciadas com rodas de conversa, nas quais os saberes eram compartilhados em escuta ativa. A partir dessas trocas, introduzíamos os princípios da educomunicação, cidadania e dialogicidade, baseando-nos em autores como Soares (2011), Peruzzo (2009), Martín-Barbero (2014) e Paulo Freire (2006).

Educomunicação era compreendida como a integração entre educação e comunicação, promovendo a participação crítica dos sujeitos na sociedade.

Cidadania era apreendida como um processo contínuo de reconhecimento e ampliação de direitos.

Dialogicidade marcava a prática da escuta e da troca, em que todo conhecimento era construído em conjunto — jamais imposto.

Toda a jornada seguia a lógica do coensinar: aprendíamos e ensinávamos juntos, em processos marcados pela partilha e pela construção coletiva dos saberes. Ao final das rodas, realizávamos uma atividade de criação artística — desenhos e ilustrações inspirados nas experiências vividas no território e nos sentimentos despertados. Sempre que havia sentimento, havia arte. Essas criações formavam um memorial vivo dos encontros.

No terceiro encontro, realizado na aldeia Aperi, a metodologia se aprofundou. A mística, realizada no sábado, teve um papel central: foi um momento ritualístico de conexão, acolhimento e ancestralidade, que respeitava tanto as espiritualidades diversas quanto o silêncio interior de cada um. Nessa ocasião, símbolos dos territórios anteriormente percorridos foram incorporados, representando a caminhada feita até ali e reforçando o sentido de continuidade da jornada.

Ainda na Aperi, propusemos uma roda de partilha em que representantes dos povos e comunidades anunciaram seus sonhos e denunciaram suas dores, anseios e vivências. Essa partilha abriu caminho para a proposta de uma produção sonora em formato de entrevista.

A atividade foi desenvolvida de forma coletiva, com apoio do grupo REC, que apresentou noções básicas de entrevista e construção de roteiro — incluindo apresentação, perguntas-chave e encerramento. Os grupos se organizaram para roteirizar e gravar suas entrevistas de forma autônoma e colaborativa.

Estúdio Floresta:

As entrevistas foram gravadas no que compreendemos como Estúdio-Floresta — uma concepção que traduz nossa forma de entender a relação entre tecnologia, natureza e comunicação. O estúdio era montado ali mesmo, no território: microfones e notebook instalados em meio à floresta, criando um ambiente de escuta que respeitava e dialogava com o entorno.

Essa configuração representa o nosso entendimento de que a tecnologia pode coexistir com o ambiente, desde que usada com sensibilidade e respeito à vida. O Estúdio Floresta é, para nós, uma materialização do sentir e do cuidar, um espaço onde a comunicação emerge do território com potência e afeto.

Enquanto gravavam, os participantes aprendiam a utilizar o software gratuito Audacity, experimentando também os primeiros passos da edição de áudio. O processo inteiro acontecia de forma compartilhada, com todas, todos e todes, sempre pautado pela escuta e pelo respeito mútuo.

DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

Durante as três etapas da Jornada Regional de Educomunicação, foram realizadas diversas atividades que integraram oficinas de comunicação popular, rodas de conversa e vivências culturais. As oficinas focaram na fotografia e na produção de podcasts, proporcionando aos participantes ferramentas para expressar suas narrativas e fortalecer suas identidades culturais. As rodas de conversa e vivências abordaram temas como identidade cultural, espiritualidade e resistência, utilizando místicas e imersões nas comunidades que acolhiam cada encontro.

Na primeira etapa, realizada nas Reservas Extrativistas Piquiá e Castanheira, em Machadinho D'Oeste, os participantes foram acolhidos por seu Manuel Rodrigues e sua irmã dona Agenora. Seu Manuel, seringueiro, compartilhou práticas de manejo da seringa e a relação harmoniosa entre o ser humano e a floresta. Também conheceram o seringueiro João Macedo e sua família, que mantém a seringa como sustento e modo de vida, ensinando a viver em sintonia com a floresta, retirando apenas o necessário para o sustento e zelando por sua preservação.

Na segunda etapa, na Reserva Extrativista Rio Ouro Preto, em Guajará-Mirim, os participantes mergulharam no Rio Ouro Preto (Tao Paná, na língua indígena), vivenciando a relação das comunidades locais com o rio. À beira do rio, transformada em sala de aula, saberes tradicionais encontraram-se com ferramentas atuais na busca pela preservação da vida. Com maracás e tambores, celebraram a vida e aprenderam, por meio da oralidade, a viver em sintonia com a terra, as águas e as florestas. Nesse encontro o rio nos levou até a comunidade Nossa Senhora do Seringueiro, conhecendo usinas de babaçu e castanha, a escola municipal Monoel Manuzak e o plantio de café canilon.

A terceira etapa ocorreu na Aldeia Aperoí, do povo Puruborá, em Seringueiras. Recebidos ao som de maracás, dança e música ancestral, os participantes foram acolhidos pelo povo Puruborá, que lutam pelo reconhecimento de seu território, cultura e identidade. A identidade Puruborá manifesta-se na língua, no grafismo, artesanato e oralidade. Este encontro destacou a pluralidade de povos que, à beira do rio, não apenas se divertiam, mas se fortaleciam como jovens protagonistas de suas lutas. Os povos indígenas ensinaram que somos um corpo vivo da natureza.

Em todas as etapas, o Grupo REC atuou como facilitador dos processos comunicativos, enquanto os participantes foram os protagonistas. Os encontros iniciaram-se com reconhecimento e mobilização nos primeiros dias, culminando em atividades onde os participantes expressaram, manualmente, o que mais os impactou durante as vivências, seja por meio de desenhos, palavras ou pinturas.

Como resultados tangíveis, foram produzidos materiais sonoros e visuais, além da elaboração coletiva de um memorial vivo que destaca cada localidade que acolheu os encontros, as narrativas de quem coexiste nesses espaços, as falas, desenhos e registros de quem vivenciou cada etapa. O processo de curadoria foi dividido entre a

juventude que participou de cada encontro, com escolhas de fotografias, desenhos, poemas e registros manuais baseadas na visão e identificação de quem emergiu nas vivências. O memorial vivente materializa os espaços, culturas, identidades e formas de viver em sintonia com a terra, as águas e as florestas.

Além dos registros fotográficos e do memorial vivente, foram produzidos oito materiais sonoros em formato de entrevistas, abordando os seguintes temas: Povos de Terreiro, Demarcação de Territórios Indígenas, Extrativista, Defensores, Trabalho Análogo à Escravidão, Agrotóxicos, Hidrovia do Madeira, Capoterapia e Educação Tecnológica. A divulgação dos podcasts teve início em 26 de março de 2025, no perfil do Instagram @rec.unir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivenciar a Jornada Regional de Educomunicação proporcionou a oportunidade de acessar saberes não abordados no cotidiano ou na academia. A caminhada da extensão nos permitiu, enquanto discentes, compartilhar conhecimentos adquiridos ao longo da graduação.

Experimentar a metodologia educomunicativa exigiu sensibilidade para nos apresentarmos como sujeitos vulneráveis no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo que não detemos todo o conhecimento e que, na troca e no afeto, todos aprendem.

Como cidadãs, fomos fortalecidas ao reconhecer a pluralidade da Amazônia e de seus povos, compreendendo que nenhuma luta é individual e refletindo sobre como atuar nesses processos enquanto profissionais.

REFERÊNCIAS

GRUPO REC. Rádio, educação e cidadania [REC]. Perfil @rec.unir, **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/rec.unir/>

MATÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

PERUZZO, C. M. K. Movimentos sociais, cidadania e o direito à Comunicação. In: Revista Fronteira: estudos midiáticos. **Revista Fronteiras** - Estudos Midiáticos, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 33-43, jan./abr. 2009.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.